

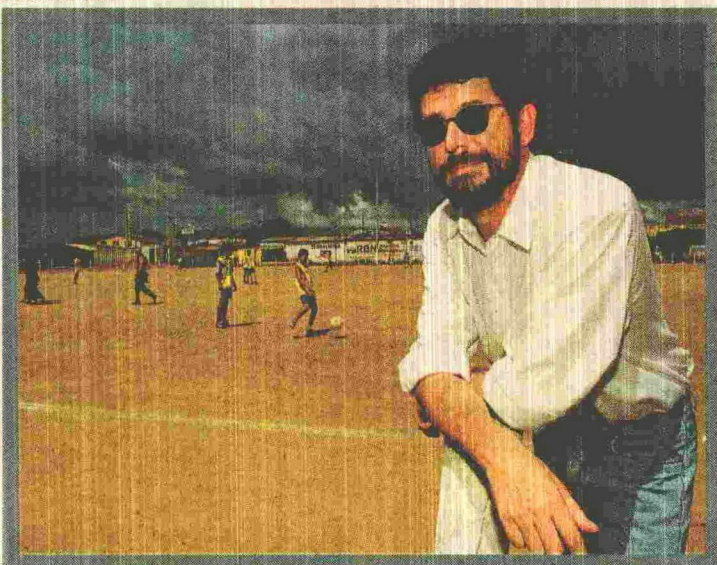
EXPERIÊNCIA BRASILIENSE

POR CARLOS MARCELO E SÉRGIO DE SÁ

Seis escritores, quatro homens e duas mulheres, desembarcaram na cidade a convite do *Correio* para participar do projeto 4+2. A primeira a chegar foi a cearense Ana Miranda, que aqui havia passado parte da infância e toda a adolescência. A visita foi diferente de todas as outras. “Foi importante para *olhar* a cidade.” Olhar atento, de quem quer contato ainda mais próximo, para transformar sua arquitetura em texto. “Essa idéia de levar os escritores a encontrar a cidade foi maravilhosa. Vocês provocaram o texto.” Ana, que chegou aqui com o pai em 1959, fez questão de ir a lugares “aonde não ia há muito tempo”. A Ermida Dom Bosco, por exemplo, num fim de tarde, o sol já se pondo. “Era muito mais longe nos anos 60...” Ela visitou com entusiasmo, pela primeira vez, o Memorial JK. No campus da Universidade de Brasília, reviu o Instituto de Artes e sua goiabeira na entrada, talvez a mesma da década de 60. Entrou na Catedral e comprou flores do cerrado para a irmã Marlui, cantora. O que mais a surpreendeu, contudo, foram as cidades do Distrito Federal. “É uma realidade que mostra a força da população.”

Marçal Aquino também se impressionou com os arredores. “Foi uma viagem de descoberta. Tive a oportunidade de conhecer uma Brasília que eu nunca vi e pouca gente conhece”, conta o escritor paulista. “Deixei o pó vermelho assentar sobre a pele e a cabeça.” A vida real, acredita, está nos lugares por onde andou durante cinco dias. Especialista na observação da violenta realidade brasileira, Marçal

Zuleika de Souza



O PAULISTA MARÇAL AQUINO EM SÃO SEBASTIÃO: VIAGEM DE DESCOBERTA

classificou a experiência como uma “descoberta grandiosa da miscelânea humana que forma Brasília”. No Gama, conversou por horas com o cineasta Affonso Brazza (casado com antiga musa de Marçal, a atriz Claudette Joubert). Na Candangolândia, trocou idéias com o rapper Dino Black – e lamentou não ter espaço para escrever sobre tudo que vivenciou na temporada candanga. Uma tarde que passou no Conic foi especialmente marcante. “Concentrado em um mesmo lugar, há uma variedade de tipos, negócios e olhares que formam uma espécie de shopping center humano, encravado no coração de Brasília”, define.

“Fiquei um pouco aflito”, confessa o amazonense Milton Hatoum, a respeito do primeiro pensamento ao aceitar o convite para voltar a Brasília 30 anos depois (morou aqui entre 1968 e 1969). “Porque os fantasmas sempre voltam.” E logo após desembarcar, já no Lago Sul, o escritor deu de cara com o ex-ditador paraguaio Alfredo

Stroessner na Península dos Ministros. “Ele estava lá, sentado, olhando em direção ao Congresso, como se ainda cobixasse o poder”, avalia o ex-militante esquerdista. Diante da evidente desigualdade social da periferia, outra constatação: “O Brasil não deu certo...”. Mais amenos foram os encontros com antigos colegas de Ciem, como Armando Rollemberg e Heloísa Doyle, com quem Milton tinha perdido contato. “Encontrei outra cidade, outro clima político.” Circulando pelas ruas, parecia alegremente surpreso com prédios, edifícios, onde antes era apenas descampado e poeira. Chegou a sonhar que a cidade estava sendo inundada pelas águas do rio Amazonas...

FLORES E ROCK

Adriana Falcão pediu para visitar os lugares do rock nos anos 80 e as bancas de flores do cerrado, em frente à Catedral. Conheceu a quadra de Renato Russo (303 Sul) e o espaço cultural da 508. Ali tomou dois cafés ao som de *Por*

Enquanto, na versão de Cássia Eller. Também esteve na Colina (área residencial da UnB), onde teve início o movimento roqueiro. Alguns jovens conversavam embaixo do bloco, encostados nos pilotis. De volta ao Rio, Adriana optou por escrever um roteiro para curta-metragem, intercalando a trama com letras da Legião Urbana. “Fiquei mais impressionada ainda como ele (Russo) conta a história da gente. Nasce em 1960 e Brasília nasceu comigo. A vida dela é a minha vida.” Essa não foi sua primeira vez na cidade. Veio passar a lua-de-mel do primeiro casamento, há mais de 20 anos, e em poucas outras ocasiões. Sua avó está enterrada aqui. “Mas desta vez mexeu muito comigo. Foi uma loucura. Bateu aquela coisa do ser brasileira.”

Moacyr Scliar vem com frequência à cidade. No passado, a capital fazia parte de sua rota como médico sanitário. Foi a primeira vez, entretanto, que o escritor gaúcho se preparou para escrever sobre Brasília (Porto Alegre já havia sido objeto de um livro). Acordou cedo para tomar o primeiro voo. Sentou-se na poltrona do avião e a idéia veio. Sabia qual era o texto a escrever, faltavam detalhes. Ao passar pela Vila Planalto, pronto, encontrou uma morada para seu personagem. Em seguida, Scliar pediu para ser levado à redação do *Correio*. Foi apresentado a alguns jornalistas e fãs, apertou mãos, tirou o paletó e, pasmem, 50 minutos mais tarde, estava tudo pronto. “Não tenho nenhuma dificuldade em encontrar palavras.” A intimidade com a cidade ajudou. Saiu-se com uma citação do escritor inglês Samuel Johnson: “Nada melhor para a concentração da mente do que a notícia de que seremos enforcados pela manhã”. Scliar

falou com os futuros colegas de Medicina da Universidade Católica, caminhou pelo centro de Taguatinga, reencontrou amigos e alterou o título de seu conto pouco antes de voltar a Porto Alegre.

Tony Bellotto procurou a aventura. Em meados dos anos 80, por meio de uma antiga namorada, o guitarrista dos Titãs conheceu a Concha Acústica. Na cabeça ficou a impressão de uma construção afundada no solo, bem iluminada à noite. Para o desfecho da história de chantagem que trouxe a Brasília o seu personagem, o detetive Remo Bellini, Bellotto lembrou do local. Mas a realidade da Concha surpreendeu o escritor com cenas mais sombrias do que as vislumbradas quando bolou a história, ainda em seu apartamento, em Ipanema, no Rio. Carros parados embaixo de árvores retorcidas para namoros arriscados, homens e mulheres perambulando na mais completa escuridão. “O lugar está completamente abandonado, é muito mais assustador e ameaçador do que eu tinha imaginado”, conta Bellotto. Imerso no breu e impressionado com os barulhos dos próprios passos na entrada da Concha, Tony foi até o palco e, com a ajuda da mulher, Malu Mader, testou a acústica. Adorou o resultado e ficou eufórico com o que viu – e ouviu. Voltou ao hotel para finalizar o texto, substancialmente modificado a partir da experiência brasiliense. Mas as impressões de Bellotto continuam sendo as mesmas da primeira vez, quando veio com os pais, no final dos anos 60. “Quando venho aqui, recobro a idéia da utopia brasileira que a gente ainda não conseguiu realizar no resto do país.” (colaboração de Alethea Muniz e Paulo Paniago)

Ricardo Borba



O AMAZONENSE MILTON HATOUM NA 406 NORTE, QUADRA ONDE MOROU ENTRE 1968 E 1969, QUANDO ERA ESTUDANTE DO CIEM: ENCONTRO COM VELHOS AMIGOS E COM UMA NOVA CIDADE